



Chapitre de livre

2017

Published version

Public access

This is the published version of the publication, made available in accordance with the publisher's policy.

Mônada, frase, proposição? Desafios de um debate conceitual

Bronckart, Jean-Paul; Bulea Bronckart, Ecaterina

How to cite

BRONCKART, Jean-Paul, BULEA BRONCKART, Ecaterina. Mônada, frase, proposição? Desafios de um debate conceitual. In: As unidades semióticas em ação. Estudos linguísticos e didáticos na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. J.-P. Bronckart & E. Bulea Bronckart (Ed.). Campinas : Mercado de Letras, 2017. p. 51–66.

This publication URL: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:109161>

© This document is protected by copyright. Please refer to copyright holder(s) for terms of use.

Last deposit update in Archive ouverte UNIGE on 15.03.2023 09:46



Jean-Paul Bronckart
Ecaterina Bulea Bronckart

AS UNIDADES SEMIÓTICAS EM AÇÃO



ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E
DIDÁTICOS NA PERSPECTIVA DO
INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

organização
Eliane Gouvêa Lousada
Luzia Bueno
Ana Maria de Mattos Guimarães

MERCADO[®]
LETRAS

3

MÔNADA,¹ FRASE, PROPOSIÇÃO? DESAFIOS DE UM DEBATE CONCEITUAL²

Jean-Paul Bronckart
Ecaterina Bulea Bronckart

Com Marie-José Béguelin, Alain Berrendonner iniciou, desde o final dos anos 80, um trabalho de reflexão sobre o estatuto e as condições de identificação das unidades sintáticas englobantes, isto é, as entidades linguísticas nas quais se organizam as relações entre morfemas, lexemas e sintagmas. Preocupado em se liberar das pseudo evidências oriundas da tradição gramatical, ele tentou estabelecer as bases de uma abordagem racional e científica dessa questão; o que o conduziu a evidenciar os múltiplos problemas de definição e de delimitação colocados pela entidade *frase*, e recomendar o abandono dessa noção e a introduzir em

1. Ver a nota de rodapé 3 do capítulo 2.
2. Edição original: Bronckart, Jean-Paul e Bulea, Ecaterina (2011). "Clause, phrase, proposition? Des enjeux d'un débat conceptuel", in: Gilles Corminbœuf e Marie-José Béguelin (eds.) *Du système linguistique aux actions langagières. Mélanges en l'honneur d'Alain Berrendonner*. Bruxelas: De Boeck. Traduzido com a amável autorização das edições De Boeck, pp. 209-219. Tradução de Flavia Fazio. Revisão de Eliane Gouvêa Lousada e Luzia Bueno.

contrapartida as noções de *monáda* e *período*, a primeira tendo o estatuto de entidade máxima da sintaxe de *reção*,³ a segunda de entidade de nível superior que é o objeto de uma pragma-sintaxe de ordem discursiva.

Nesta contribuição, lembraremos inicialmente os principais elementos da argumentação, ao mesmo tempo crítica e *proativa*, desenvolvida por Berrendonner e Béguelin; enunciaremos em seguida os problemas que nos parecem causar e a crítica da noção de frase e o estatuto das noções de *mônada* e *período*; formularemos, enfim, algumas propostas suscetíveis de reativar e de prolongar o trabalho de reflexão dos dois autores.

Da frase à mônada e ao período

Para Berrendonner e Béguelin, a quase totalidade das abordagens sintáticas estão fundamentadas sobre postulados segundo os quais, de um lado as produções verbais efetivas consistem em encadeamento de frases, de outro, essas últimas constituem unidades máximas da combinatória sintática. E como decorrem das análises que eles conduziram, esses dois postulados são infundados na medida em que:

- o recorte dos textos em frases gráficas apresenta um aspecto amplamente aleatório, as delimitações instauradas não resultam da aplicação de um sistema de regras fixas, mas variam em função de fatores históricos, contextuais e/ou pessoais/estilísticos (em particular Béguelin 2002);
- as definições de frase propostas por gramáticos ou linguistas combinam critérios de maximalidade

3. Nota do tradutor: o termo "reção", mais técnico, porém mais preciso, pode ser compreendido como "regência".

sintática, de completude semântica, de demarcação prosódica e de demarcação tipográfica que não são de maneira nenhuma coextensivas, de modo que a entidade frase teria o estatuto cognitivo de protótipo, isto é, de exemplar prático, facilmente acessível e quase simbólico, de uma configuração de entidades cuja organização efetiva permanece subanalisada (Berrendonner 2002);

- a frase gráfica não constitui em si, ou necessariamente, a unidade maximal da combinatória sintática, algumas frases contendo várias entidades autônomas de sintaxe de reção, e reciprocamente uma só entidade gramatical autônoma podendo encontrar-se dividida entre várias frases, como mostram respectivamente os exemplos (1) e (2) a seguir:

(1) Ela me resistia, eu a matei (em Berrendonner 2002, p. 25)

(2) Ellroy lê e escreve romances policiais ancorados na história da América. Piloto de carros velozes. Gosta de seu cachorro, um bull-terrier. Adora sua mulher, Hélène (em Béguelin 2002, p. 99)⁴

Com base nessas constatações, os dois autores sustentam que as modalidades efetivas de recorte das entidades da cadeia escrita geram, nos sujeitos falantes, uma forma de conhecimento "espontâneo" ou "natural" da organização sintática de sua língua:

O modo particular de espacialização da cadeia que restringe a escrita se acompanha sempre de uma proposta

4. (1) Elle me résistait, je l'ai assassinée. (Berrendonner 2002, p. 25).
(2) Ellroy lit et écrit des romans criminels ancrés dans l'histoire de l'Amérique. Pilote des voitures rapides. Aime son chien, un bull-terrier. Adore sa femme, Hélène. (Béguelin 2002, p. 99).

de análise que, em outras condições, não teria podido se expressar. A articulação "natural" assim assumida pelas demarcações da escrita condiciona profundamente o conhecimento espontâneo das estruturas linguísticas pelos sujeitos falantes: ela desempenha uma função derivada de natureza quase epistemológica.⁵ (Berrendonner e Béguelin 1989, p. 99)

Por conseguinte, o objetivo de seu método é desenvolver, à luz dessa gramática intuitiva, uma abordagem baseada em procedimentos consistentes e reproduzíveis e visando à elaboração de uma sintagmática integrada, que se estenderia sem descontinuidade do morfema ao enunciado e conduziria à identificação e à conceitualização de unidades operatórias válidas tanto para as produções orais quanto para as produções escritas.

Como se sabe, os autores introduziram duas noções substitutivas, a *mônada* e o *período*, que designam segundo eles verdadeiros "seres da língua".

A *mônada* constitui, no plano estrutural, a *unidade maximal*, no centro da qual se desdobra a sintaxe de reção:

Um discurso apresenta descontinuidades sintáticas que permitem analisá-lo em "ilhas de dependência gramatical" justapostas. Cada uma delas aparece como um todo conexo, cujos elementos (morfemas, sintagmas) estão ligados por relações de reção a [...] Com seus vizinhos, pelo contrário, não mantém nenhuma relação do mesmo gênero. Em outras palavras, seu estatuto é o de unidade

-
5. Tradução nossa: Le mode particulier de spatialisation de la chaîne auquel contraint l'écriture s'accompagne toujours d'une proposition d'analyse qui, dans d'autres conditions, n'aurait pas trouvé à s'exprimer. L'articulation « naturelle » ainsi assumée par les démarcations de l'écrit conditionne profondément la connaissance spontanée des structures linguistiques par les sujets parlants : elle remplit une fonction dérivée de nature quasi épistémologique (Berrendonner e Béguelin 1989, p. 99).

integrativa maximal da sintaxe de reção. Chamamos esse tipo de unidade de *mônadas*.⁶ (Berrendonner 2002, p. 27)

Os processos implicados na sintaxe de reção são a relação de *solidariedade* (exemplo: os acordos em gênero e número no interior de um sintagma nominal), a relação de *determinação* (exemplo: uma preposição requer na sequência um sintagma) assim como as regras de *sequencialidade* (exemplo: o auxiliar deve preceder a forma lexical de um verbo). Esses processos se aplicam de maneira bastante estrita, uma vez que eles dependem do "sistema linguístico", e conforme o princípio de determinação por exemplo, o enunciado (3) abaixo constituiria uma só mônada devido à presença da preposição *de*, enquanto o enunciado (4) seria constituído de duas mônadas devido à ausência deste tipo de marca de dependência:

- (3) *De meu país e de minha família, não tenho muita coisa a dizer.*
- (4) *Matemática no 3º ano do ensino médio, é melhor se agarrar* (em Berrendonner 2002, p. 27)⁷

Essa mesma mônada, no plano funcional, é uma unidade mínima constituindo um ato ou um comportamento, e contribuindo, não mais a marcar as diferenças de sentido

6. Tradução nossa: Un discours présente des discontinuités syntaxiques qui permettent de l'analyser en "lots de dépendance grammaticale" juxtaposés. Chacun de ceux-ci apparaît comme un tout connexe, dont les éléments (morphèmes, syntagmes) sont reliés par des rapports de rection [...] Avec ses voisins en revanche, il n'entretient aucun rapport du même genre. En d'autres termes, son statut est celui d'unité intégrative maximale de la syntaxe de rection. Appelons ce type d'unités des *clauses* (Berrendonner 2002, p. 27).

7. (3) *De mon pays et de ma famille, je n'ai pas grand chose à dire.* (4) *Les maths en terminale, y a intérêt à s'accrocher.* (Berrendonner 2002, p. 27).

(como o fazem os lexemas e sintagmas), mas a realizar atos enunciativos:

Definiremos a mônada por sua função específica, que não é mais, como nas categorias inferiores, de marcar diferenças de sentido, mas de *servir para a realização de um ato enunciativo* [...] Um ato enunciativo [é] uma conduta tanto verbal quanto mimo-gestual, apta a operar transformações na memória discursiva (= o estoque estruturado de informações M que geram cooperativamente os interlocutores). Uma mônada é então uma unidade mínima virtual de comportamento, um papel linguageiro elementar.⁸ (Berrendonner e Béguelin 1989, p. 113)

Contrariamente às unidades de categoria inferior as quais organiza, a mônada não pode ser compreendida em termos de distribuição, e só se pode então examiná-la sob o ângulo de "condições de relevância" dependendo do estado da "memória discursiva", entidade que organiza as informações provenientes de diversas fontes (meio/entorno verbal, topoi, saberes enciclopédicos etc.):

Para poder dizer sem incongruência *Não chove*, é necessário estar em um estado de saber no qual reina a crença de que chove; para que não seja descabido afirmar *O rei da França está no capacho*, é necessário que já esteja validada a informação de existência "a França tem um rei" [...] ⁹ (*ibid* 1989, p. 114)

8. Tradução nossa: Nous définirons la clause par sa fonction spécifique, qui n'est plus, comme aux rangs inférieurs, de marquer des différences de sens, mais de *servir à l'accomplissement d'un acte énonciatif*. [...] Un acte énonciatif [est] une conduite à la fois verbale et mimo-gestuelle, apte à opérer des transformations dans la mémoire discursive (= le stock structuré d'informations M que gèrent coopérativement les interlocuteurs). Une clause est ainsi une unité minimale virtuelle de comportement, un rôle langagier élémentaire (Berrendonner, Béguelin 1989, p. 113).
9. Tradução nossa: Pour pouvoir dire sans incongruité *Il ne pleut pas*, il faut se trouver dans un état de savoir où règne la croyance qu'il

O período constitui quanto a ele uma unidade infraordenada tendo em vista os textos/discursos, consistindo em uma sequência de enunciações, por um lado delimitado por marcas prosódicas específicas (entre os quais o entonema conclusivo) e chegando por outro lado a um estado da memória discursiva caracterizado pelo alcance de um objetivo. O período em consequência "se compõe não somente de mônadas, mas também de estados cognitivos intersticiais, produzidos por inferência a partir da mônada que precede, e pressupostos por aquela que segue" (*ibid* 1989, p. 124).

De maneira geral, a análise dos autores se inclina explicitamente à distinção feita por Benveniste entre o universo da "língua como sistema de signos" e o da "língua como instrumento de comunicação, cuja expressão é o discurso" (1966, pp. 129-130):

[...] a partir da categoria da mônada, a sintaxe muda de natureza: um texto não deve ser visto como uma sequência de signos, mas como um conjunto de atos ou de comportamentos, dentre os quais nem todos são enunciativos.¹⁰ (Berrendonner e Béguelin 1989, p. 114)

Questões e problemas

Mesmo sendo em si pertinente e benéfico, o método de Berrendonner e Béguelin nos parece, entretanto, apresentar um conjunto de problemas, que agruparemos em quatro seções.

pleut ; pour qu'il ne soit pas déplacé d'affirmer *Le roi de France est sur le paillason*, il faut que soit déjà validée l'information d'existence "la France a un roi" [...] (Berrendonner e Béguelin 1989, p. 114).

10. [...] a partir du rang de la clause, la syntaxe change de nature : un texte ne doit pas être regardé comme une séquence de signes, mais comme un assemblage d'actes ou de comportements, dont tous ne sont pas nécessairement énonciatifs (Berrendonner e Béguelin 1989, p. 114).

As várias acepções da noção de frase

Na maior parte de seus argumentos, os autores denunciam o caráter aleatório e não operacional da *frase gráfica*, isto é, essa entidade que, no interior do texto escrito, está delimitada por uma maiúscula e um ponto. Mas sua crítica se estende também, às vezes, a outras acepções do termo frase, principalmente a de Ruwet, segundo a qual essa noção "é, na gramática gerativa, tida por um termo primitivo, não definido, da teoria" (1967, p. 336), ou a de Riegel *et al.*, segundo a qual "uma frase é [...] uma seqüência de palavras que qualquer sujeito falante é capaz não somente de produzir ou interpretar, mas da qual ele sente também intuitivamente a unidade e os limites" (1994, p. 103). Em seu comentário, Berrendonner qualifica essas definições de "comoventes esforços de legitimação retórica"... de recortes do discurso em frases gráficas (2002, p. 24), mas não nos parece de forma nenhuma evidente que estes dois tipos de definições tenham verdadeiramente relação com as frases gráficas.

A concepção proposta por Ruwet se inscreve em uma longa tradição que, desde *A interpretação* de Aristóteles (1994) ao menos, se dirige às estruturas languageiras qualificadas de "proposições" ou de "frases sintáticas". Como Bloomfield havia destacado (1970, pp. 161-173), trata-se aí de quadros que organizam as relações de (inter)dependência entre lexemas e/ou sintagmas, cujas entidades constitutivas são identificáveis e definíveis por suas propriedades distribucionais, e que estão no princípio indiferentes à organização do discurso em frases gráficas. Retomando essa análise, Lyons havia concluído que seria conveniente atribuir o termo *frase* somente a esses quadros organizadores, e utilizar o termo *enunciado* para designar as frases gráficas ou seus correspondentes orais:

Enquanto unidade gramatical, a *frase* é uma entidade abstrata por meio da qual o linguista explica as relações distribucionais que existem no interior dos enunciados.

Nesse sentido da palavra, os *enunciados* nunca consistem em frases, mas em um ou vários segmentos de discurso (ou de texto escrito) que podem ser colocados em correspondência com as frases geradas pela gramática.¹¹ (Lyons 1970, p. 136)

A definição de Riegel *et al.* refere-se a uma outra dimensão ainda, que é a do vivido da língua pelos sujeitos falantes, e os conhecimentos da língua que esses mesmos sujeitos elaboram; conhecimentos que, outra vez, não se dirigem em particular a esses recortes do escrito que constituem as frases gráficas.

Parece então que a noção de frase que é criticada designa de fato três tipos de fenômenos distintos:

- uma entidade recortada no curso dos textos escritos (frase gráfica);
- uma construção linguística, visando o quadro formal de distribuição sintática (frase sintática);
- o produto da experiência dos sujeitos falantes, visando tanto este quadro quanto a entidade semântica que lhe corresponde (proposição?).

Qual metodologia: ascendente ou descendente?

O conjunto de argumentações dos dois autores se inscreve, de fato, em um processo metodológico e teórico de caráter ascendente: primeiro, uma abordagem dos mecanismos que, entre as mônadas, é o objeto da sintaxe de reção; em seguida uma abordagem da organização dessas mônadas em períodos; finalmente, sem dúvida (não

11. En tant qu'unité grammaticale, la *phrase* est une entité abstraite au moyen de laquelle le linguiste rend compte des relations distributionnelles qui existent à l'intérieur des énoncés. Dans ce sens du mot, les énoncés ne consistent jamais en phrases, mais en un ou plusieurs segments de discours (ou de texte écrit) qui peuvent être mis en correspondance avec les phrases générées par la grammaire (Lyons 1970, p. 136).

encontramos explicação deste nível), a articulação desses períodos em discursos/textos.

Essa abordagem, tal como ela é hoje adotada pela maior parte das correntes cognitivistas, compartilha uma concepção segundo a qual as produções linguageiras seriam os produtos exclusivos da execução de operações mentais individuais, e não conteriam nenhuma dimensão verdadeiramente social (e, portanto, verdadeiramente semiótica). Berrendonner e Béguelin adotam uma concepção *pragmática* da linguagem, segundo a qual os enunciados constituem ações verbais em ligação com as situações de comunicação, tendo uma dimensão social (Béguelin 2000, p. 241). Mas estamos no direito de nos perguntar se essa abordagem proveniente da teoria dos atos de linguagem está apta a levar em conta o papel dos fatos sociais como tal (e não somente por meio do vivido e/ou do conhecimento dele que têm os indivíduos); além disso, nessa perspectiva o texto continua de fato uma "entidade-horizonte" perpetuamente fugitiva, sobre o qual alguns pragmáticos sustentam, aliás, não poder constituir o objeto de um verdadeiro método científico.

Como Volochinov (1927[2010]) havia, entretanto, demonstrado de forma particularmente clara, desde que tomemos realmente em consideração as dimensões sociais e comunicativas da linguagem, devemos adotar primeiro uma perspectiva descendente. Toda produção linguageira se inscreve em um *texto* que exhibe uma modalidade particular de relação com as atividades humanas não verbais e que, dessa maneira, pertence a um determinado *gênero*; além disso, qualquer que seja o gênero ao qual pertença, cada texto tem uma organização interna particularmente complexa, caracterizada pela cointervenção de diversas redes de determinação heterogêneas (universo semântico, tipos de discurso, mecanismos de conexão, de coesão, de responsabilização enunciativa etc. – Bronckart 2008); e as propriedades do gênero, como as diversas redes de estruturação textual exercem uma influência evidente sobre o aspecto possível das mônadas e sobre seus modos de encadeamento.

Quais critérios de identificação das mônadas e dos períodos?

Como vimos, a mônada constitui o quadro no qual se desdobra a sintaxe de reção; então, os constituintes pertencem a uma mesma mônada se estão “unidos” em um quadro de processo de codependência ou de reção (exemplo 3 a seguir), e pertencem a mônadas diferentes se esse tipo de união não é atestável (exemplo 4 a seguir).

- (3) De meu país e de minha família, não tenho muita coisa a dizer.
- (4) Matemática no 3º ano do ensino médio, é melhor se agarrar (em Berrendonner 2002, p. 27)¹²

Vimos também que os períodos são setores de discurso que “são delimitados por marcas prosódicas ad hoc, (funcionando) tanto como instruções de agrupamento [...] como sinais demarcativos que fecham esta unidade” (Berrendonner 2002, p. 28) e que, além disso, “consistem em uma sequência de operações sobre a memória discursiva, com vistas a alcançar um certo estado da informação visado pelo enunciador” (Béguelin 2000, p. 243). Segundo esta abordagem, a análise das propriedades internas da mônada efetua-se então baseada unicamente na distribuição dos significantes aparentes, enquanto a análise do período efetua-se combinando critérios prosódicos e critérios cognitivo-semânticos.

Ora as mônadas são, tanto quanto os períodos, sustentadas por operações cognitivas dos sujeitos falantes, e se levarmos em consideração as operações de interpretação, não podemos excluir que os sujeitos identificam as relações de dependência entre segmentos, mesmo quando essas não estão explicitamente marcadas; apesar das diferenças

12. (3) De mon pays et de ma famille, je n'ai pas grand chose à dire. (4) Les maths en terminale, y a intérêt à s'accrocher. (Berrendonner 2002, p. 27).

de demarcação, eles poderiam conseqüentemente atribuir aos enunciados (3) e (4) uma relação análoga do tipo:

- (5) Não tenho muita coisa a dizer de meu país e de minha família.
- (6) É melhor se agarrar à matemática no 3º ano do ensino médio.¹³

Tratando-se dos períodos, podemos nos perguntar se as marcações prosódicas do discurso não são, assim como as marcas de pontuação da escrita, fortemente dependentes de fatores contextuais e pessoais.

Da sintaxe à psico-pragmática!

De acordo com Berrendonner e Béguelin, existiriam duas modalidades de articulação sintática "irreduzíveis", uma cujas unidades maximais seriam as mônadas e cujos constituintes seriam da ordem dos signos, outra cujas unidades maximais seriam os períodos, constituídos de atos enunciativos.

Essa bipartição parece repousar tanto sobre o estatuto dos objetos em questão quanto sobre o método de análise que deveria ser aplicado: as mônadas e seus componentes seriam signos e seu estudo requereria um método estritamente sintático; os períodos e sua organização seriam manifestações de atos e seu estudo requereria um método da pragmática e/ou de psicologia cognitiva:

[os] membros de período não têm o estatuto de signos, mas de ações comunicativas [...] Não se deve considerá-los como mônadas (= grandes signos), mas como enunciações de mônadas. [...] O que sugere que seu estatuto semiótico é o de atos ostensivos, exibindo uma

13. (5) Je n'ai pas grand chose à dire de mon pays et de ma famille
(6) Y a intérêt à s'accrocher aux maths en terminale

mônada verbal. [...] Por trás da linearidade aparentemente monótona dos textos, escondem-se assim dois modos de encadeamento bem diferentes: semióticos e arbitrários na mônada, praxeológicos e motivados no período.¹⁴ (Berrendonner 2002, pp. 30-32)

Tal posição implica então que as relações atestáveis no seio das mônadas não deveriam poder ser analisadas em termos de operações (ou de atos), e que reciprocamente os modos de organização discursiva supraordenados levando em conta as mônadas poderiam ser apreendidos enquanto signos...

Algumas pistas para continuar...

Uma só linguagem, integralmente semiótica

De nossa parte, recusamos radicalmente a bipartição proposta por Benveniste entre "a língua como sistema de signos" e "a língua como instrumento de comunicação", e conseqüentemente não podemos aderir à bipartição análoga introduzida por Berrendonner e Béguelin entre o domínio "semiótico" das mônadas e o domínio "pragmático-cognitivo" dos períodos. Se os fenômenos visados apresentam evidentemente diferenças que os autores têm perfeitamente razão em conceitualizar, enviá-

14. [les] membres de période n'ont pas le statut de signes mais d'actions communicatives [...] On ne doit pas les envisager comme des clauses (= grands signes), mais comme des énonciations de clauses. [...] Ce qui suggère que leur statut sémiotique est bien celui d'actes ostensifs, exhibant une clause verbale. [...] Derrière la linéarité apparemment monotone des textes, se cachent ainsi deux modes d'enchaînement bien différents : sémiotiques et arbitraires dans la clause, praxéologiques et motivés dans la période (Berrendonner 2002, pp. 30-32).

los a subdomínios "irredutíveis" nos parece constituir uma excessiva extrapolação epistemológica.

Só existe uma linguagem humana, *integralmente constituída de signos* e cuja propriedade maior e definidora é *de servir simultaneamente à representação e à comunicação*; portanto, dissociar essas duas funções e os regimes estruturais que lhes correspondem, é renunciar a abordar este objeto no que constitui sua verdadeira especificidade. Sobre isso nos apoiaremos na célebre formulação de Saussure:

Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia etc., *o todo sendo inseparável.* (Saussure 2002, p. 45)

E nós acrescentaremos que toda utilização da linguagem pelas pessoas implica da parte delas um conjunto de operações psicológicas, qualquer que seja o nível (morfológico → retórico) em que se situe essa utilização.

Uma linguagem circulando entre textos/discursos, língua interna e língua externa

Inspirando-nos ainda da obra de Saussure (Bronckart, Bulea e Bota 2010), consideramos:

- que a linguagem constitui primeiramente um processo eminentemente dinâmico, que se manifesta sob a forma de *textos* (orais ou escritos) constituídos de estruturas complexas de *signos*, cujos valores se constituem e se transformam no curso da transmissão, sincrônica e diacrônica, de tais textos;

- que essa atividade verbal é secundariamente o objeto de processos de apropriação-interiorização por parte das pessoas individuais, o que dá nascimento à *língua interna* de cada indivíduo, que gera o pensamento formal e continua a coexistir com ele;
- que essa atividade verbal é objeto igualmente de processos secundários de análise e de conceitualização científicos (por parte dos gramáticos e/ou linguistas), o que dá nascimento a modelos teóricos oriundos da *língua externa* ou *normatizada*.

Nesse quadro, parece primeiro que a organização dos textos deve imperativamente ser abordada em uma perspectiva *descendente*; porque sua dimensão genérica é primeira e condiciona os níveis de organização infraordenados (e as operações que estes parecem requerer). Quando, para justificar a introdução dos conceitos de "memória discursiva" ou de "estado informacional", Berrendonner comentava exemplos do tipo "Ela nunca se ocupou de mim, <gesto>" (2002, pp. 30-31), ele se centrava em um gênero conversacional particular, e sua análise das operações implicadas não é de maneira nenhuma generalizável para os gêneros narrativos ou científico-argumentativos.

Nesse quadro, parece em seguida que a língua interna e a língua externa têm um papel essencial na circulação permanente da linguagem, e que não há nenhuma maneira de considerar que uma (a dos estudiosos linguistas) tem como objetivo se substituir à outra (a dos letrados comuns); trata-se de duas realidades de estatutos diferentes, e se Berrendonner e Béguelin têm perfeita razão de contestar a ausência de rigor das análises teóricas fundamentadas somente sobre os recortes gráficos, esse tipo de erro nos parece sem ligação com a problemática dos saberes "práticos" da língua que se constituem as pessoas individuais.

Textos, frases, mônadas e proposições

Para concluir, reconhecemos inicialmente a pertinência e utilidade da crítica das abordagens sintáticas que tem como base a *frase gráfica*; sobre esse ponto, as demonstrações de Berrendonner e Béguelin são simplesmente decisivas. Tratando-se de conceitos e de métodos de caráter substitutivo, a problemática é bem mais complexa, e podemos apenas formular a seguir algumas proposições.

No quadro de um método linguístico, trata-se de tomar os textos como *produtos semióticos* organizados em redes de estruturação encaixadas, e então de tentar identificar e conceitualizar essas redes em uma perspectiva descendente; no estado das pesquisas, nos parece que nos níveis supraordenados, as noções de *gêneros de texto* e *tipos de discurso* (Bronckart 1997) são pertinentes, e que no nível inferior, a de *mônada* o é igualmente, tal como foi conceitualizada por Berrendonner e Béguelin. Por outro lado, a noção de *período* não nos parece operacional, sobretudo porque, em razão dos critérios prosódicos de sua demarcação, só é pertinente para alguns gêneros de texto, e inadequada para os textos primeiramente produzidos em modalidade escrita.

Além disso, os textos são produzidos e recebidos por pessoas singulares, que utilizam para isso diversos tipos de operações psicológicas, e que constroem igualmente certo tipo de conhecimento das regularidades de organização textual. A noção de *proposição* nos parece poder ser conservada neste nível, para designar a mais básica dessas operações; mas essa se integra a muitas outras operações, oriundas dos raciocínios, cuja conceitualização é ainda hoje bastante insuficiente.

Enfim, os linguistas empreendem métodos de identificação e de classificação das categorias de entidades semióticas mobilizadas nos textos, e são tentados assim a elaborar as estruturas nas quais estas categorias poderiam "logicamente" se encaixar. A *frase sintática* (de Bloomfield ou da gramática gerativa) nos parece ter esse último estatuto, e fica aberta a questão de saber em qual medida essa entidade difere da *mônada* promovida por Berrendonner e Béguelin.